



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FERNANDES, J.; PAIVA, M. J. A.; NUNES, O. F. Um grupo formativo itinerante: a experiência do campo familiar para o campo social, obstáculos e sucessos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

UM GRUPO FORMATIVO ITINERANTE: A EXPERIÊNCIA DO CAMPO FAMILIAR PARA O CAMPO SOCIAL, OBSTÁCULOS E SUCESSOS

Juvenal Fernandes
Mary Jane Abrantes Paiva
Olinda Fertoni Nunes

Os objetivos da psicoterapia de grupo como coadjuvante à Vegetoterapia Carácter-Analítica são amplos e variados. 05 psicoterapeutas das comunidades de Natal-RN, Brasília-DF e São Paulo-SP descreverão a experiência de um grupo formativo itinerante que refletiu as diversas dificuldades que as instituições, de modo geral, apresentam em seu nascimento, crescimento e, por vezes, estagnação e morte, relacionando-as com o campo social onde está inserido. Aponta-se como as instituições podem adoecer se nas mesmas forem perpetuados os vieses do campo familiar.

Procurou-se descrever nossa experiência do ponto de vista relacional e clínico, e discuti-la como uma referência para profissionais do campo psicoterápico, objetivando demonstrar a possibilidade da convivência em uma instituição mais auto-regulada e criativa. Para isto, é necessário trabalhar a simbiose e os traços paranóides, reconhecendo as devidas funções de seus membros e as relações com um ecossistema social mais amplo.

O trabalho está pautado em referências teóricas de Serrano (1998), em consonância com Anzieu (1986), Nacher e Camarero (1984) e Grotjahn (1979), destacando-se os seguintes aspectos: a busca da comunicação real como constitutiva de toda comunicação terapêutica grupal, do rompimento do imaginário e das reproduções dos padrões familiares no campo social.

Os resultados de nossa experiência, pelo tamanho da amostragem, não são possíveis de ser generalizados, mas foram validados internamente.

INTRODUÇÃO

A proposta de X. Serrano tenta preencher uma lacuna no sentido do desenvolvimento de um processo sistematizado de psicoterapia de grupo no seio da Vegetoterapia, uma vez que W. Reich não utilizou o grupo em seu trabalho clínico, embora se possa inferir a importância que o mesmo atribuiu à necessidade de trabalhar o social em seus escritos. .

Serrano procurou desenvolver uma sistemática de trabalho grupal coerente com os objetivos e com os procedimentos da vegetoterapia individual de acordo com F. Navarro, sendo,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FERNANDES, J.; PAIVA, M. J. A.; NUNES, O. F. Um grupo formativo itinerante: a experiência do campo familiar para o campo social, obstáculos e sucessos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

portanto, complementar a esta.

Como no Brasil não tínhamos tal formação, convidamos Serrano para conduzi-la em um grupo itinerante, por sermos psicoterapeutas de regiões distintas e distantes no País, e como forma de compartilharmos os custos decorrentes de um investimento de tal ordem.

Além disso, nossa formação seria bancada pelos psicoterapeutas individualmente, sem a vincularmos a qualquer escola. Ela durou de meados de 1999 a junho de 2004.

OS OBJETIVOS DO PROCESSO PSICOTERÁPICO EM GRUPO:

Serrano (1998) deixa claro que não se pode separar o trabalho da vegetoterapia de grupo com o da individual. E coloca a contribuição da ferramenta grupal para se alcançar maior eficácia e melhores resultados em certos aspectos desenvolvidos durante o processo analítico, como por exemplo:

Reativar a experiência histórica reprimida vinculada ao grupo social como entidade;

Estimular a autoconfiança do indivíduo no encontro com o círculo social mais amplo, resolvendo episódios de sociose;

Facilitar a disponibilidade ao contato, à humanização do sujeito;

Facilitar um encontro com o outro distinto do terapeuta, porém dentro do espaço terapêutico. Isto se amplia ao grupo com todas suas conseqüências, evidenciando situações-chave em um determinado momento com a interiorização de que há outras formas de viver a terapia de modo diferente da sua;

Dinamizar conflitos internos vinculados sobretudo com o superego social; elaborar com maior fluidez conflitos de identidade sexual e intersexual.

Permite uma maior elaboração da comunicação receptor-emissor; eu-outro em sua vertente existencial, fenomenológica e se abre o possível círculo fechado do paciente-terapeuta, sobretudo quando se trabalha com dois terapeutas;

Dinamizar o trabalho neuromuscular, emocional e de motilidade energética com o trabalho ordenado nos sete segmentos, combinados com técnicas de outras terapias de grupo (psicodrama, análise sistêmica, gestalt-terapia, bioenergética), porém com uma dinâmica integradora própria.

Xavier sugere que será necessário uma experiência pessoal própria como paciente grupal e uma adequada supervisão posterior, junto com o processo de formação do organoterapeuta.

Para o atendimento de seus propósitos, é necessário um enquadre grupal, conforme



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FERNANDES, J.; PAIVA, M. J. A.; NUNES, O. F. Um grupo formativo itinerante: a experiência do campo familiar para o campo social, obstáculos e sucessos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

Grinberg, L. (1979). Este enquadre é um instrumento sistematizado que permite estabelecer uma estrutura interna coerente, com validade suficiente para o propósito para o que foi criada; que é de descobrir elementos que podem ser compreendidos dentro da teoria... e/ou que signifiquem uma abertura à mesma. O enquadre representa um marco dentro dos princípios gerais da metodologia científica com o caráter de conhecimento subjetivo.

Conforme Nacher (1985), na formação de um grupo convergem vários fatores que dependem dos terapeutas, dos pacientes ou do contexto em que tal grupo será formado. Tais fatores serão discutidos em seguida.

A EXPERIÊNCIA COMO GRUPO FORMATIVO ITINERANTE

Durante a trajetória de cinco anos de Curso viajamos muito pelos Estados do Brasil, a onde pudemos vivenciar diferentes culturas e comportamentos. Observamos e vivenciamos diferentes experiências de campos familiares e sociais em distintos ecossistemas e, como estes se desenvolviam e quais eram seus obstáculos e sucessos.

Durante a nossa trajetória desenvolvemos grupos em três estados brasileiros: Rio Grande do Norte, São Paulo e Brasília. A nossa experiência profissional vivida com estes grupos refletiu ao mesmo tempo a experiência que nós mesmos como grupo de formação, estávamos vivendo e desenvolvendo. Não éramos um grupo psicoterapêutico e, portanto, não tínhamos a preocupação em cuidar dos propósitos terapêuticos e das dinâmicas transferências entre nós. Ao mesmo tempo desenvolvíamos espontaneamente as mesmas dinâmicas que correspondiam as mesmas fases terapêuticas da metodologia de grupo, que estudávamos.

A primeira fase que se refere a desconfiança, a paranóia e ao imaginário do grupo, se refletiu nas diferentes sensações que tínhamos dos diferentes ecossistemas representado pelas pessoas do grupo. “Narciso acha feio o que não é espelho”.

O início desta formação em grupo foi bastante conturbado começando pela definição dos componentes que demorou no mínimo dois anos para se compor e começar a criar matriz; na realidade era um projeto bastante ousado. Tivemos muitos conflitos com as ambivalências e instabilidades das pessoas, suas dificuldades econômicas, diferentes necessidades e valores, que conseqüentemente dificultou inicialmente a funcionalidade do grupo.

Lya Luft diz: “Vivemos segundo o nosso ponto de vista e com ele sobrevivemos ou naufragamos, conforme nossa abertura ou resistência em relação àquilo que estamos envolvidos”. Esta era a função do nosso coordenador que nos ensinou muito pela sua paciência em discriminar os nossos pontos cegos e fundamentá-los de uma forma coerente



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FERNANDES, J.; PAIVA, M. J. A.; NUNES, O. F. Um grupo formativo itinerante: a experiência do campo familiar para o campo social, obstáculos e sucessos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

dentro da sua sistemática. Todos vivemos a ameaça de um sistema coletivo diferente do que estávamos acostumados e assim no começo nos fechamos e nos protegemos em nossos próprios modelos culturais, embasados nos nossos valores e medos. Durante um bom tempo andamos as cegas vivendo erros e tentativas de encontro e muitos desses encontros foi uma batalha conquistada a pulso.

Aquilo que para nós, dentro do nosso ecossistema parecia uma lógica para outros ecossistemas era visto com espanto, incompreensão e muitos questionamentos. Através destas crises regionais de valores e comportamentos foi se denunciando as resistências, os modelos de dominação competitivos, as aversões e a falta de sentimento de equipe. A tendência de se trabalhar profissionalmente em grupo de forma individual era forte e assim pudemos confrontar como cada um de nós esperávamos um retorno em nosso próprio benefício, em benefício da nossa própria família ou no máximo da região aonde morávamos. Pensamos que a construção um grupo envolve inicialmente uma rede confusa de ação e reação, de amor e ódio, agressividade e passividade, frieza e calor e que todas essas diferenças cumprem um papel: O de fortalecer, aproximar e criar um corpo de relação.

Com isso percebemos como nós profissionais psicoterapeutas corporais e de grupo, acostumados a fazer grupos, repetíamos o mesmo modelo capitalista de retorno individual atrelado aos nossos conflitos edípicos e que gera tanta violência no mundo. A nossa tomada de consciência nos localizou dentro deste sistema narcísico preso ao campo familiar que hoje se reflete pela mídia e pelos modelos de comunicação, contaminados pela cultura americana de controle e poder, que também repetíamos como profissionais.

Olhar e transmitir a experiência que vivemos neste encontro mudou nossa percepção e ritmo. Através da historicidade deste grupo pretendemos contribuir com um outro jeito de olhar e se afirmar no coletivo e desejar que possamos fortalecer a construção de um campo social mais saudável e criativo.

A partir deste momento houve uma mudança de qualidade na nossa relação e apareceu a maturidade do grupo, sentimos que realmente mudamos de vibração e se formou uma matriz. A grupo tinha identidade e começamos criar espaços de trocas, aceitamos nossos limites e nos tornamos um grupo afetivo de referencia com quem podíamos contar na saúde e na doença.

Concordamos com Foulkes que diz: “qualquer grupo que se forme com propósito terapêutico de outra índole é um grupo porque existe alguma forma de relação interativa, interpessoal ou afetiva entre os seus membros”. Este foi um grupo buscado e conquistado e ganhamos com as diferenças, que contribuíram muito para a mudança de percepção daquilo que era preconceito, desvalorizado e longe das nossas preferências. Saímos da periferia, foi



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FERNANDES, J.; PAIVA, M. J. A.; NUNES, O. F. Um grupo formativo itinerante: a experiência do campo familiar para o campo social, obstáculos e sucessos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS**. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

possível dissolver a couraça e fizemos contato com o cerne do grupo. Hoje, olhar a forma não se prender a ela e ao mesmo tempo respeitá-la, nos deu a dignidade de nos mantermos na nossa individualidade e ao mesmo tempo termos uma identidade grupal. Ex: será que o ecossistema de Natal é matriarcal? diferentemente do ecossistema de São Paulo, que é paranóico e contido? Estas questões nos incomodaram por muito tempo. Sentir que por detrás da forma existem seres humanos que amamos sem serem somente os membros da nossa família mas, cidadãos do mundo ao qual marca a passagem do campo narcísico para a identidade. Nos fez sentir que podemos acessar o humano do mundo, a humildade e a alegria de viver.

Conclusão: Neste grupo itinerante nem os que os psicoterapeutas-treinandos coordenaram representam amostragens suficientes para tecermos generalizações acerca do funcionamento de grupos de mesma natureza em regiões distintas do país, isto é, em diferentes ecossistemas. Porém, possui validade interna predita por variáveis ligadas ao próprio enquadre e à vivência subjetiva de seus participantes. Quanto a estes, têm a consciência e o conhecimento da gênese, da intimidade e da formação de matriz de um sistema grupal que atingiu, dentro de seus limites, os objetivos a ele propostos.

REFERÊNCIAS

GRINBERG, L. Algunas consideraciones sobre el concepto del encuadre psicoanalítico. Comunicação pessoal, in Serrano, X. **Publicaciones orgon de la Es.Te.R.** Valencia: Coleccion monografias, no. 6, 1996.

LUFT, Lya. **Perdas & ganhos**. Editora Record-Brasil, 2004.

FOULKES, S. H. **Manual de Psicoterapia de Grupo**. México: Editora Fondo de Cultura Económica, 1969.

NACHER, P.G. e CAMARERO, J.A.L. **Del diván al círculo**. Madrid: Tecnipublicaciones, 1985.

SERRANO, X. **La vegetorapia caracteroanalítica postreichiana. Uma psicoterapia profunda, dinâmica, corporal**. Publicaciones orgon de la es.te.r. coleccion monografias. Valencia: Coleccion monografias, no. 6, 1996.

Juvenal Fernandes / Brasília / DF / Brasil

E-mail: jucaf@brturbo.com

Mary Jane Abrantes Paiva / São Paulo / SP / Brasil

E-mail: abrantessaiva@hotmail.com

Olinda Fertoni Nunes / São Paulo / SP / Brasil

E-mail: nani1309@terra.com.br